

Uma perspectiva funcional da estrutura comparativa

Ana Alexandra Silva

Universidade de Évora

1. A sintaxe oracional e a estrutura comparativa

A estrutura comparativa integra, nos estudos gramaticais, as chamadas orações subordinadas adverbiais. Aí encontra-se a oração comparativa explicada de três formas diferentes, ou melhor, de três pontos de vista diferentes. Por um lado, a oração comparativa é apresentada como uma subordinação adverbial, pois desempenha uma função sintáctica equivalente à do advérbio (complemento circunstancial). Por outro lado, existe a preocupação de esclarecer que esta estrutura exprime uma comparação entre dois seres, duas coisas ou dois estados. Uma terceira perspectiva baseia-se no elemento que introduz a oração comparativa: a conjunção. No primeiro defende-se que a oração comparativa desempenha uma função sintáctica: complemento circunstancial. Estar-se-á perante uma perspectiva sintáctica. No segundo a perspectiva semântica ganha relevo pois é o sentido “comparação” que está em causa. Finalmente, ao dar-se importância ao elemento que introduz a oração estar-se-á a adoptar uma perspectiva morfológica.

À sintaxe interessam as relações inter-sintagmáticas, isto é, averiguar que tipo de relações funcionais estabelecem os sintagmas entre si. Se se aceitar este postulado, reconhecer-se-á que a unidade básica da sintaxe é o sintagma¹. Esta unidade sintagmática não pode ser vista como uma mera associação de elementos, mas como uma estrutura onde se definem relações de dependência. A sintaxe oracional terá que se preocupar fundamentalmente com a independência, dependência ou interdependência dos elementos estudados, considerando sempre a existência de um núcleo ao qual se juntam elementos dele dependentes. Esta análise centrar-se-á na apresentação de características que possibilitem a escolha de um critério sintáctico.

2. Componentes formais da estrutura comparativa

2.1 Oração ou estrutura comparativa?

O conceito de oração foi um dos mais tratados na história da linguística, tendo sido alvo de muita controvérsia por parte de inúmeros estudiosos. A par do termo “oração”, encontram-se muitos outros, como “período”, “enunciado” e “frase”, por

¹ Cf. S. GUTIÉRREZ ORDOÑEZ (1997): 24.

exemplo. A oração, de um ponto de vista sintáctico e funcional, será entendida da seguinte forma: “(...) existen funciones que podemos considerar privativas de la oración y que, en consecuencia, existe una oración cuando se detecta la presencia de elementos que desempeñan alguna de estas funciones.”² Essas funções privativas da oração são o núcleo verbal e o monema de pessoa, determinação obrigatória do núcleo verbal³. O único elemento indispensável para que se possa denunciar a presença de uma oração é, efectivamente, o sintagma verbal, visto neste já se encontrar o sujeito.

Segundo S. Gutiérrez: “(...) las estructuras comparativas no son necesariamente oracionales.”⁴ O exemplo *Um romance mais divertido que inspirado* comprova isso mesmo, já que se trata de uma estrutura comparativa e não de uma oração comparativa. Quando o núcleo da estrutura comparativa é um sintagma verbal, está-se perante duas orações ligadas entre si por uma locução (*Trabalha mais que dorme*); quando o núcleo é um nome e está presente um sintagma verbal, ter-se-á uma oração (*Comprou mais livros que Pedro*); quando o núcleo é um nome e não se encontra presente nenhum sintagma verbal, estar-se-á perante um segmento discursivo (*Um romance mais divertido que inspirado*). Se apenas se considerasse a oração comparativa a análise estaria assim restringida a um tipo de estrutura muito particular. Considerou-se que qualquer estrutura portadora de núcleo de comparação (independentemente de ser verbal ou nominal) será uma estrutura comparativa.

2.2 Características formais da estrutura comparativa

S. Gutiérrez diz que “*Las comparativas son estructuras de la lengua porque tienen naturaleza de signo: presentan un significado (“comparación”) unido solidariamente a un significante (estructuras del tipo más... que, más... de, etc.)*.”⁵ Considera-se, desta forma, que a comparação deve ser entendida como um signo dotado de dupla face: o significado (o sentido veiculado incluirá uma comparação entre dois termos) e o significante (estruturas formais traduzidas em segmentos como: *mais... (do) que, menos... (do) que, etc.*)⁶. O que a seguir se apresenta não é

² G. ROJO (1978): 13-14.

³ Segundo E. Alarcos aquilo a que se chama verbo ou sintagma verbal, “(...) contiene dos unidades significativas entre las cuales se establece la relación predicativa: *el sujeto y el predicado (...)*.” In: E. ALARCOS LLORACH (1996): 256. O mesmo autor diz, também, de forma a esclarecer o seu ponto de vista: “*Los demás componentes que en la oración pueden aparecer en torno del núcleo son términos adyacentes, cuya presencia no es indispensable para que exista oración.*” In: E. ALARCOS LLORACH (1996): 257.

⁴ S. GUTIÉRREZ ORDOÑEZ (1997): 21.

⁵ S. GUTIÉRREZ ORDOÑEZ (1997): 12.

⁶ S. Gutiérrez diz que “*Las comparativas son estructuras de la lengua porque tienen naturaleza de signo: presentan un significado (“comparación”) unido solidariamente a un significante (estructuras del tipo más... que, más... de, etc.)*.” In: S. GUTIÉRREZ ORDOÑEZ (1997): 12.

(nem pretende ser) mais do que uma hipótese de abordagem às características formais da estrutura em análise, de maneira a auxiliar a identificação sintáctica da natureza da estrutura comparativa.

2.2.1 Segmento A e Segmento B

Qualquer estrutura comparativa é composta por dois segmentos, passíveis de serem analisados em separado.

O segmento A integra a quantificação, enquanto o segmento B contém o ponto de referência: “a Maria”. O conector *que*⁷ (ou *como*) marca o início do segundo segmento. Considera-se pertinente estabelecer uma ligação sintáctica entre **mais** e (*do*) **que**, já que este conector permite unir os dois segmentos, embora apareça descontinuamente manifestado no enunciado. Surge, assim, no primeiro segmento da comparação, **mais**, **menos** e **tanto/tão**, e no segundo segmento da comparação, (*do*) **que** e **como**.

2.2.2 Núcleo da estrutura comparativa

Qualquer estrutura comparativa tem um núcleo, chamado núcleo da estrutura comparativa (elemento funcional nuclear presente no segmento A). Este pode ser um sintagma verbal, um sintagma nominal, um sintagma adjetival ou um sintagma adverbial.

Ex.: O João sabe mais que o irmão mais velho.
Uma árvore mais pequena do que todas.
Mais escuro que breu.
Mais tarde que o previsto.

O núcleo da estrutura comparativa é o elemento que está imediatamente antes ou depois do primeiro elemento do conector.

2.2.3 Conectores

Os dois segmentos da estrutura estão intimamente ligados e não se podem desligar um do outro sem que a estrutura sintáctica seja destruída. O conector desempenha o papel de elemento de ligação.

⁷ Optou-se por este termo de forma a evitar discussões afastadas do cerne deste trabalho. De referir, no entanto, que este QUE é denominado pela gramática tradicional de *conjunção* ou *locução conjuncional (mais... que)* e a gramática de Alarcos chamar-lhe-ia *transpositor*.

Ex.: Trouxeram mais bolos que empadas.
 Trouxeram bolos
 Trouxeram empadas.

Manuel envia mais cartas à namorada que postais à mãe.
 Manuel envia cartas à namorada.
 Manuel envia postais à mãe.

Estes dois enunciados são exemplares do que se acabou de explicar: o segmento A sobrevive e o segmento B também, mas o seu significado é alterado. Já não existe uma comparação, porque não existe qualquer ponto de referência com o qual se estabeleça a ligação.

No estudo sintáctico da estrutura comparativa e no levantamento das suas características formais será indispensável proceder a uma enumeração das locuções conjuncionais presentes neste tipo de estrutura. Estas apresentam três valores semânticos diferentes: de igualdade (*tanto/tão... como*), de superioridade (*mais... que; melhor... que*) e de inferioridade (*menos... que; pior... que*). De um ponto de vista sintáctico não existe qualquer diferença entre estas locuções, todas elas elementos introdutores das construções comparativas. A unidade “que”, presente nas estruturas comparativas é um elemento integrante de uma estrutura “mais... (do) que”, sendo por isso a sua análise, enquanto elemento isolado, totalmente desaconselhável. Entender-se-á “mais” e “(do) que” em estreita relação; o isolamento dos componentes do bloco iria desvirtuar cada um dos seus elementos levando, necessariamente, a que os resultados ficassem condicionados por tal escolha prévia. Será um conector formado por mais do que uma unidade: “mais... (do) que”, funcionando estes elementos em estreita solidariedade⁸.

No que respeita à unidade *como*, o mesmo se aplica: não deve ser analisada isoladamente, mas como membro de uma estrutura maior: *tão... como* ou *tanto... como*. Não se reconhece, deste modo, uma função própria à unidade *como*, visto tratar-se de um elemento conector. O mesmo se aplica para o estatuto sintáctico de *que*.

2.3 A estrutura comparativa: relações sintácticas

Muitos autores têm-se debruçado sobre este assunto esgrimindo argumentos ora em defesa da subordinação da estrutura comparativa, ora em defesa da coordenação, ora, ainda, em defesa de uma interdependência entre os dois segmentos. Esta construção tem levantado diversas dúvidas dando lugar a diferentes formas de encarar o esquema sintáctico das comparativas. Pretende-se neste ponto, apresentar três perspectivas diferentes.

⁸ A mesma opinião é expressa por A. Narbona quando afirma: “En realidad, si tal que es parte de una estructura correlativa, no tiene mucha relevancia plantearse su análisis separadamente.” In: A. NARBONA JIMÉNEZ (1989): 68.

2.3.1 A estrutura comparativa como construção subordinada

Na subordinação deverá considerar-se a existência de dois ou mais núcleos verbais, sendo que um deles será hierarquicamente superior aos outros. Existe neste tipo de construção uma dependência sintáctica, o elemento acrescentado desempenha uma função integrada no elemento pré-existente. De facto, o segmento adicionado constitui por si só uma função que determina o núcleo verbal. No caso das estruturas comparativas haverá então duas hipóteses a considerar: ou se incluem estas construções nas tradicionais orações subordinadas adverbiais comparativas ou serão incluídas nas orações subordinadas adjetivas. Analisar-se-ão as duas hipóteses.

A. Martinet coloca-se do lado das gramáticas tradicionais, defendendo que a estrutura comparativa é, efectivamente, uma estrutura subordinada e optando por lhe chamar proposição relacional, em detrimento do conceito de comparativa, já que “*il s’agit uniquement d’une confrontation entre deux faits, dont l’un est exprimé dans la principale et l’autre dans la subordonnée.*”⁹ Acrescenta depois que o valor da relação neste tipo de proposição pode variar consoante os elementos presentes, “*elle peut noter un rapport de conformité, d’équivalence, de proportionnalité, etc.*”⁸ Esta análise parece ter sido efectuada de um ponto de vista semântico e não sintáctico, como parecia ser o inicialmente pretendido pelo autor. Ao não apresentar qualquer outro tipo de fundamentação, o autor deixa-se levar por uma análise semântica, referindo-se sempre ao sentido das orações em causa, e nunca às características sintáticas que permitem identificar as estruturas como subordinadas.

E. Alarcos, em 1996, também defende que as estruturas comparativas são construções subordinadas, embora encare o problema de uma perspectiva substancialmente diferente da de A. Martinet. Não irá incluí-las no tradicional grupo das subordinadas adverbiais mas nas orações transpostas de relativo (ou adjetivo), pois “(...) no cumplen ninguna de las funciones adyacentes del núcleo verbal, sino que se insertan dentro de un grupo nominal unitario.”¹⁰ Considera que as orações comparativas (tal como as consecutivas, na perspectiva do autor), “*no son otra cosa que oraciones degradadas, análogas a las relativas, con la diferencia de que su llamado antecedente es un cuantificador o una unidad cuantificada.*”¹¹ Resulta a oração comparativa, nesta perspectiva, de uma transposição¹². Ao defender a transposição das orações comparativas, E. Alarcos está a afirmar a sua dependência em relação a uma outra oração, na qual a comparativa se integra, exercendo, por

⁹ A. MARTINET (1979): 218.

¹⁰ E. ALARCOS LLORACH (1996): 340.

¹¹ E. ALARCOS LLORACH (1996): 341.

¹² Sobre o conceito de transposição E. Alarcos diz o seguinte: “(...) la transposición permite que unidades de determinada categoría se habiliten para funcionar en oficios que en principio no son a ellas asignados.” In: E. ALARCOS LLORACH (1990): 35.

isso, uma determinada função sintáctica. Esta função será idêntica à desempenhada pelas orações relativas. No entanto, poderá afirmar-se que as orações transpostas de adjetivo se constituem, de um ponto de vista sintáctico, como determinações epítéticas ou predicativas. As orações adjetivas estão integradas na oração principal fazendo parte dela e desempenhando, em relação a ela, determinada função sintáctica. Não se reconhece o mesmo esquema sintáctico nas construções comparativas.

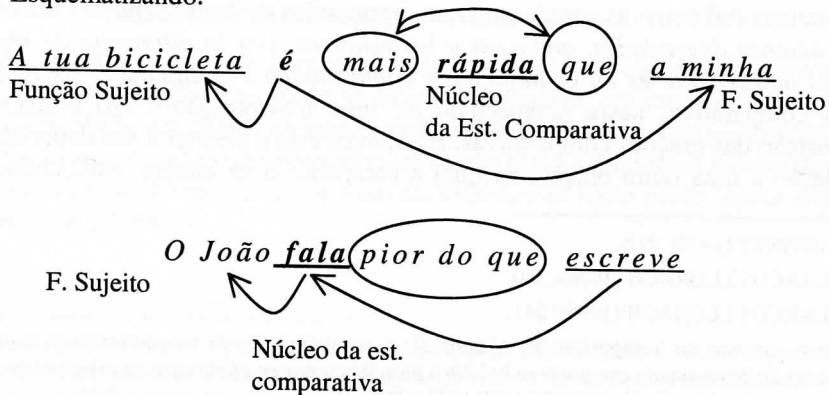
2.3.2 A estrutura comparativa como construção coordenada

A coordenação é entendida como a união de segmentos isofuncionais, isto é, a partir de um núcleo verbal surgem determinações que se constituem como expansões desse mesmo núcleo. As funções aliadas ao núcleo repetem-se, embora através de functivos diferentes; pode também acontecer que a coordenação ocorra a nível dos próprios núcleos verbais, sendo que neste caso nenhum será hierarquicamente superior ao outro. Para serem considerados segmentos coordenados, deverão gozar de independência sintáctica. Tendo em conta estes factores poderá assinalar-se a existência de dois tipos de estruturas coordenadas. No primeiro grupo incluir-se-ão as que coordenam orações, ou seja, estar-se-á em presença de dois núcleos verbais ligados entre si por meio de um conector. Num segundo grupo incluir-se-ão as que coordenam functivos. Vejamos os seguintes exemplos:

1. *A tua bicicleta é mais rápida que a minha.*
2. *O João fala pior do que escreve.*

No exemplo 1. existe a coordenação de dois sujeitos que se expandem, “A tua bicicleta” e “a minha”, a partir de um mesmo núcleo verbal *é*. No exemplo 2. está presente uma coordenação de dois núcleos verbais que partilham o mesmo sujeito: “O João”.

Esquematizando:



De acordo com C. Hoyos, existem estruturas comparativas coordenadas e estruturas comparativas subordinadas. Para se considerar a existência de orações comparativas coordenadas será necessário que as seguintes condições estejam reunidas:

1. Cada uma das orações deve subsistir e ser inteligível por si só;
2. A troca é possível entre as orações;
3. Têm que apresentar um conector anafórico.¹³

Na concepção proposta por C. Hoyos o conector anafórico permitirá uma inversão dos termos comparados, isto é:

O Ricardo é mais baixo que o Pedro.

 O Pedro é mais baixo que o Ricardo.

Esta será, na perspectiva da autora, uma condição essencial para se considerar uma estrutura como comparativa coordenada.

Analise-se o seguinte exemplo:

a) **O João comprou mais livros que Pedro.**

→ Neste exemplo a comparação surge não na quantidade de livros comprados, mas nos sujeitos dessa compra. "João" e "Pedro" têm funções idênticas. Um e outro desempenham o papel funcional de sujeito. Ter-se-á, então, uma coordenação interna dos sujeitos do sintagma verbal "comprou" (ou função sintáctica F₁), o que pode confirmar-se facilmente quando se procede à operação de comutação pelos pronomes correspondentes.

"O João comprou mais livros que *eu*"
 "O João comprou mais livros que *tu*" (etc.)

O segmento "Pedro" só é substituível por pronomes que desempenham a função sintáctica de sujeito. O monema verbal já presente em "comprou" sofre duas expansões: uma em "O João" e outra em "Pedro".

→ A comutação por zero vai mostrar que, ao retirar o elemento conector (manifestado descontinuamente em *mais... que*), os dois segmentos sobrevivem (embora suceda uma alteração de significado, isto é, perde-se o significado da comparação).

O João comprou mais livros que Pedro.
 O João comprou Ø livros Ø Ø
 O Pedro comprou Ø livros Ø Ø

¹³ Cf. C. HOYOS HOYOS (1988): 453-454.

→ A permutabilidade também é possível:

O João comprou mais livros que Pedro.

O Pedro comprou mais livros que João.

As três provas tornam clara a relação de coordenação existente entre os dois segmentos da comparação. Na prova da comutação por zero perde-se parte do conteúdo semântico, a comparação, mas em termos sintácticos as estruturas são exequíveis.

Posto isto, resta fazer o levantamento das razões que se apresentaram para a defesa destas estruturas como estruturas coordenadas:

1. Isofuncionalidade: o elemento acrescentado corresponde a uma função presente anteriormente no enunciado, existindo apenas uma diferença a nível dos funktivos que preenchem essas funções.
2. Comutação por zero: retirando os conectores, as duas estruturas deverão ser exequíveis.
3. Permutabilidade: os segmentos A e B poderão trocar de posição, não acarretando essa alteração qualquer diferença a nível da estrutura formal do enunciado.

2.3.3 A estrutura comparativa como construção correlativa

L. Hjelmslev defende que existe interdependência ou solidariedade quando as partes da estrutura não podem separar-se sem a destruição de ambas. Existirá uma exigência mútua: uma não pode acontecer sem a outra. Segundo M. Porcar, a correlação manifesta-se na comparativa por meio de conectores anafóricos, isto é, “*El primer formante de la comparación cuantifica, intensifica o enfatiza modalmente al elemento al que acompaña; el segundo elemento es una partícula conectiva en relación de interdependencia respecto al primero.*”¹⁴ Tal assunção, referente à comparativa, implica que as noções de coordenação e de subordinação sejam afastadas, porque as duas partes da estrutura se exigem mutuamente.

C. Hernández critica a tradição gramatical, no que respeita a classificação das comparativas, defendendo que nem sempre “(...) es adecuado el nombre de “*oraciones comparativas*” para todas aquellas que en su estructura contienen una comparación.”¹⁵ Acrescenta ainda que “(...) “*comparación*” y “*comparativas*” son términos de valor semántico.”¹⁶ A estes dois factores juntar-se-á um terceiro, que confirmará a pretensão defendida por C. Hernández: “*los elementos comparados no tienen una función fija y única en la lengua y comprenderemos que no podemos*

¹⁴ M. PORCAR MIRALLES (1996): 507.

¹⁵ C. HERNÁNDEZ ALONSO (1984): 128.

¹⁶ C. HERNÁNDEZ ALONSO (1984): 128.

*atender a la interpretación, heredada y vigente aún en tantas gramáticas, de comparativas como subordinadas de carácter adverbial cuantitativo; entre otras razones, porque no hay adverbios comparativos comutables por otros nexus.*¹⁷

Numa frase como “Este rapaz é mais rápido que os seus companheiros” existem dois termos: o primeiro (“Este rapaz”) – o comparado; e o segundo (“os seus companheiros”) – a referência. Existirá ainda uma base sobre a qual os dois termos se compararam – a “rapidez”. A quantificação é exercida pelo adjacente “mais”. C. Hernández conclui que o adjacente e todo o segundo termo se exigem mutuamente, tanto de um ponto de vista sintáctico como de um ponto de vista semântico. A ausência de um deles provocará enunciados agramaticais. Assim, a partir de uma base, “Este rapaz é rápido” poderá construir-se uma comparação se se aceitar, conjuntamente, a integração de um quantificador relativo e de um adjacente delimitador, que não é senão o ponto de referência de “mais”¹⁸.

A ideia de inter-ordenação das orações e de correlação dos elementos comparados não é nova. Ela já aparece com bastante frequência em algumas gramáticas, especialmente nas da escola brasileira.

2.3.4 A estrutura comparativa: uma proposta

Confrontadas as hipóteses de diferentes autores quanto à construção sintáctica presente na estrutura comparativa, restará agora tecer algumas considerações. Se por um lado a primeira tendência é considerar que a estrutura comparativa é uma construção sintáctica subordinada (grande parte da nossa tradição gramatical assim o defende), verificou-se que a sua análise sintáctica apontava numa outra direcção. Na própria teoria da subordinação não se apresentou fácil, para alguns gramáticos, inserir as comparativas num dos grupos previamente estabelecidos. Se estão excluídas das subordinadas substantivas e adjetivas, visto que não desempenham qualquer função própria do nome, também a sua inclusão nas subordinadas adverbiais parece pouco correcta. Efectivamente, até que ponto é que poderá defender-se que esta desempenha as funções próprias do advérbio, ou seja, de complemento circunstancial? As estruturas modais (tantas vezes na nossa tradição confundidas com as comparativas) desempenham a função de complemento circunstancial, já que toda a oração pode ser comutada por um advérbio; nas comparativas isso não é possível. Surgiu ainda a hipótese de E. Alarcos, na qual as comparativas aparecem integradas no conjunto das orações transportadas de adjetivo. Todos estes argumentos parecem cair por terra quando se verifica que, na estrutura comparativa, nem sempre existe um segmento oracional como segundo termo da comparação, e quando este existe não se encontra uma relação de hierarquia entre o primeiro e o segundo: não há um subordinante e um subordinado.

¹⁷ C. HERNÁNDEZ ALONSO (1984): 128.

¹⁸ Cf. C. HERNÁNDEZ ALONSO (1995): 197.

A coordenação foi também uma hipótese de construção sintáctica seriamente ponderada ao longo desta análise. A investigação teórica desenvolvida pela linguística moderna permitiu identificar um certo número de características próprias das estruturas coordenadas, nomeadamente, a isofuncionalidade, isto é, a obrigatoriedade de o elemento acrescentado desempenhar uma função já presente no enunciado; a comutação por zero, onde a retirada dos conectores permite detectar a existência de duas estruturas sintácticas possíveis; e a permutabilidade entre os dois segmentos que constituem a estrutura comparativa. Através da análise de alguns exemplos, verificou-se que as estruturas identificadas como comparativas cumpriam estes requisitos. Se existia algum tipo de dependência entre os dois segmentos, seria de carácter semântico e não sintáctico. Parece ter ficado provado que as verdadeiras estruturas comparativas apresentam características de estruturas coordenadas, mas ainda faltou o equacionar de um problema: o estatuto do conector.

Num terceiro ponto considerou-se que a construção comparativa tendo sido entendida como uma correlação, isto é, nela se reconhece uma interdependência entre as duas partes da estrutura. Ao contrário do que acontece na subordinação, as duas partes exigem-se mutuamente, sem, no entanto, se estabelecer uma relação hierárquica entre elas. Considerando que não existem conjunções comparativas mas sim locuções, a hipótese da interdependência parece ganhar força. Se uma parte for desligada da outra, perde-se não só o sentido de comparação (que numa análise sintáctica será o menos importante), mas a própria construção sintáctica da comparação. Reconhece-se como verdadeira esta interdependência sintáctica entre os dois termos da comparação, interdependência reforçada pelo facto de o conector comparativo se manifestar descontinuamente no enunciado. Os argumentos apresentados em defesa da estrutura comparativa como construção sintáctica coordenada não deverão ser, no entanto, postos de lado. Propor-se-ia, então, uma hipótese. A estrutura comparativa constituir-se-ia como uma construção sintáctica coordenada correlativa, isto é, uma estrutura que apresenta as características sintácticas necessárias para ser identificada como estrutura coordenada, mas difere de todas as outras estruturas coordenadas num aspecto: as duas partes da coordenação exigem-se mutuamente. Tal exigência, como já se fez notar, resulta da natureza do próprio conector comparativo, que liga as duas partes da comparação de uma forma muito estreita. Talvez arrojada, esta proposta afigura-se como a mais coerente. Não se trata de uma construção subordinada (pelas razões que atrás se apresentaram); também não se trata de uma coordenação tradicional; é uma construção sintáctica que apresenta características muito específicas.

4. Conclusão

As explicações avançadas sobre o funcionamento da estrutura comparativa não estão isentas de questionamento. Poderá advogar-se que só uma análise integrada de critérios sintáticos e semânticos permitirá chegar às verdadeiras comparativas. Não foi essa a hipótese que se defendeu. Uma vez escolhida a base teórica procurou-se

manter a coerência na análise sintáctica da estrutura comparativa, levantando as características que permitiriam identificar sintacticamente a estrutura, isto é, os seus componentes formais e o seu relacionamento sintático em termos de dependência, independência ou interdependência.

Não se pretendeu resolver todas as questões relacionadas com a estrutura comparativa, até porque como muito bem o colocou A. López, a ciência não é outra coisa senão “(...) revisión indefinida de opiniones ajena emitidas en el intento de captar un material siempre huidizo.”¹⁹ O conceito de material fugidio, dir-se-ia mesmo escorregadio, parece especialmente adequado ao estudo da comparação.

Bibliografia

- ALARCOS LLORACH, Emilio (1996), *Gramática de la lengua española*. 1ª edición, 8ª reimpressão. Madrid, Espasa/Calpe.
- BECHARA, Evanildo (1999), *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Editora Lucerna.
- BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española. I. Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid, Real Academia Española, Espasa.
- CANO, Rafael Aguilar (1988), “Coordinación y subordinación: “como” en castellano medieval”. In: *Actas del I Congresso Internacional de História de la Lengua Española*. Editadas por M. Azira, A. Salvador, A. Viudas, Cáceres, 30 de marzo – 4 de abril de 1987, I. Madrid, Arco Libros, p. 301-318.
- CUNHA, Celso e Luís F. Lindley CINTRA (1987), *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª edição. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FARIA, Isabel Hub, Emília Ribeiro PEDRO, Inês DUARTE, Carlos A. M. GOUVEIA(1996), *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho.
- GUTIÉRREZ ORDOÑEZ, Salvador (1997), *Estructuras comparativas*. 2ª edición. Madrid, Arco/Libros.
- GUTIÉRREZ ORDOÑEZ, Salvador (1994), *Estructuras pseudocomparativas*. Madrid, Arco/Libros.
- GUTIÉRREZ ORDOÑEZ, Salvador (1997), *La oración y sus funciones*. Madrid, Arco/Libros, S.L..
- GUTIÉRREZ ORDOÑEZ, Salvador (1997), *Principios de sintaxis funcional*. Madrid, Arco/Libros, S.L..
- HERNÁNDEZ ALONSO, César (1984), *Gramática funcional del español*. Madrid, Editorial Gredos.
- HERNÁNDEZ ALONSO, César (1995), *Nueva sintaxis de la lengua española. Sintaxis onomasiológica: del contenido a la expresión*. Salamanca, Ediciones Colegio de España.

¹⁹ A. LOPÉZ GARCIA(1983): 327.

- HOYOS HOYOS, Carmen (1988), "Algunos aspectos del castellano del siglo XIV". In: *Actas del I Congreso de Historia de la Lengua Española*. Editadas por M. AZIRA, A. SALVADOR, A. VIUDAS. Cáceres, 30 de marzo – 4 de abril de 1987, I. Madrid, Arco/Libros, p. 449-473.
- JIMÉNEZ JULIÁ, Tomás (1995), *La coordinación en español. Aspectos teóricos y descriptivos*. Universidad de Santiago de Compostela.
- LOPÉZ GARCIA, Ángel (1983), "La comparación en español: estructura fraseológica y estructura oracional". In: *Serta Philologica F. Lázaro Carreter*, I. Madrid, Ediciones Cátedra, p. 315-327.
- MARTINET, André (1978), *Estudios de sintaxis funcional*. Versión española de Esther Diamante. Madrid, Editorial Gredos.
- MARTINET, André (sous la direction de) (1979), *Grammaire fonctionnelle du français*. 2^e édition revue. Paris, Crédif.
- MARTINET, André (1975), *Studies in Functional Syntax. Études de syntaxe fonctionnelle*. München, Wilhelm Fink Verlag.
- MARTINET, André (1985), *Syntaxe générale*. Armand Colin, Paris.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE e Isabel Hub FARIA (1989), *Gramática da língua portuguesa*. 4^a edição. Lisboa, Editorial Caminho.
- NARBONA JIMÉNEZ, Antonio (1989), *Las subordinadas adverbiales impropias en español. Bases para su estudio*. Málaga, Librería Ágora.
- NARBONA JIMÉNEZ, Antonio (1990), *Las subordinadas adverbiales impropias en español (II). Causales y finales, comparativas y consecutivas, condicionales y concessivas*. Málaga, Librería Ágora.
- PORCAR MIRALLES, Margarita (1996), "La correlación comparativa en castellano medieval". In: *Actas del III Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, I. Madrid, Arco/Libros, p. 505-523.
- ROJO, Guillermo (1978), *Claúsulas y oraciones*. In: *Verba, Anuario Gallego de Filología*, Anejo 14. Santiago de Compostela, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago.
- SILVA, Ana Alexandra (2001), *Contribuição para uma análise da estrutura comparativa em língua portuguesa (A sintaxe e a semântica das "comparativas")*. Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa. Coimbra.
- VILELA, Mário (1995), *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase e gramática de texto*. Coimbra, Livraria Almedina.

ÍNDICE

PEREIRA, António Onomástica Portuguesa: <i>Viagem a Portugal</i> de José Saramago	645
PEREIRA, Sandra Concordância com <i>a gente</i> à luz da Morfologia Distribuída	653
PRADA, Edite Produção de contraste no Português Europeu	663
SANTOS, Ana Lúcia Aquisição de padrões de resposta a interrogativas globais em Português Europeu ..	677
SANTOS, Diana e Paulo ROCHA AvalON: uma iniciativa de avaliação conjunta para o português	693
SANTOS, Diana e Luís SARMENTO Projecto AC/DC: acesso a corpora / disponibilização de corpora	705
SANTOS, Maria João Picture Story Test – aplicação do teste a pacientes afásicos e não afásicos: estudo de casos	719
SANTOS, Pedro Conditionals, contexts and <i>Apartheid</i>	729
SARAMAGO, João Os corpora sonoros do grupo da Variação do CLUL	737
SILVA, Ana Alexandra Uma perspectiva funcional da estrutura comparativa	743
SILVA, António Carvalho da Nomenclaturas gramaticais (e glossários de didáctica) – características, finalidades e fundamentos	755
SILVA, Patrícia Monteiro Marques da O tipo de texto “retrato jornalístico”. Análise contrastiva sobre a descrição de pessoas com base em exemplos da imprensa alemã e portuguesa	765
SOALHEIRO, Elisabete A acentuação do pretérito imperfeito do indicativo em Castro Laboreiro e a sua segmentação morfológica em Português	771
SOUZA, Otilia da Costa e Tempo, aspecto e modalidade – a propósito de <i>quando</i>	785
SOUTO CABO, José António Dinâmicas da escrita romance na primeira metade do século XIII	795
TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova Processos derivacionais que envolvem o sufixo <i>-al</i> em português	815